

ESTILOS DE APRENDIZAGEM E A PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO ANIMADO PARA A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS CONTEMPORÂNEAS

Ademilde Silveira Sartori
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
ademildesartori@gmail.com

Kamila Regina de Souza
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
kamila.brasil@hotmail.com

Resumo

O presente artigo traz reflexões sobre educomunicação, estilos de aprendizagem, desenho animado e prática pedagógica na educação infantil. Entendemos os desenhos animados como importantes referências na formação sociocultural das crianças contemporâneas na medida em que participam da sua aprendizagem sobre as coisas do mundo. Colocamos-nos em busca de um maior entendimento sobre a prática pedagógica e sua relação com os desenhos animados no contexto da Educação Infantil e o estilo de aprendizagem das crianças. O artigo tem como intenção dar subsídios para uma reflexão sobre as possíveis contribuições do desenho animado na elaboração de Práticas Pedagógicas Educomunicativas, aquelas que ampliam o ecossistema comunicativo no processo educativo das crianças pequenas.

Palavras-chave: Estilos de Aprendizagem, Desenho Animado; Prática Pedagógica Educomunicativa.

LEARNING STYLES AND EDUCOMMUNICATIVE PEDAGOGICAL PRATICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF CARTOON FOR CONTEMPORARY CHILDREN LEARNING

Abstract

This article reflects on educommunication, learning styles, cartoon and pedagogical practice in early childhood education. We understand the cartoons as important references in contemporary socio-cultural education of children. We put ourselves in search of a greater understanding of the pedagogical practice and its relationship with the cartoons in the context of early childhood education and the learning style of children. This article is intended to make allowances for a reflection on the possible contributions of the cartoon in the development of teaching practices

Educomunicativas, those that expand the communicative ecosystem in the educational process of young children.

Keywords: Learning styles; Cartoons; Educommunicative Pedagogical Practice;

1. Introdução

O Brasil tem na televisão um dos meios de comunicação e de prática cultural de maior popularidade entre as diversas classes sociais de suas famílias, por isso, o contato com a linguagem audiovisual se dá de modo bastante intenso por meio da mídia televisiva. Conforme Silva (2004), as imagens e narrativas proporcionadas pela TV desafiam as crianças a ler as “linguagens imagéticas” desde muito cedo. No entanto, nos dias de hoje, é preciso reconhecer que não só a televisão (aberta ou a cabo) é o canal por onde as crianças tem acesso aos seus programas favoritos. Ainda que a presença da TV seja massificada nos lares brasileiros, a linguagem audiovisual pode ser acessada pelas crianças também pelo cinema e por mídias como o DVD e o BD, que embora tenha no aparelho de TV a tela por onde apresenta os conteúdos, não segue a programação televisiva convencionalmente conhecida. Sem falarmos nos *tablets*, celulares com sinal de TV Digital e outras tecnologias que permitem o contato com inúmeros conteúdos de linguagem audiovisual.

Conforme Benjamin (1992, p. 80), vivemos num novo *sensorium*, em uma nova ambiência que traz novas tarefas para a percepção. A linguagem audiovisual - desde o surgimento do cinema - seria para o autor, a principal responsável por desafiar nossa percepção com essas novas tarefas e pelo conseqüente surgimento de novas sensibilidades. Esta ideia de surgimento de novas sensibilidades pode ser o caminho para ampliarmos nosso entendimento sobre o sentido que as mídias atuais atribuem à formação sociocultural das crianças (e nossas) e, portanto, de suas aprendizagens, ao criar novas formas de viver, sentir e pensar sobre as coisas do mundo contemporâneo no qual se inserem.

Assim, os desenhos animados se configuram como importantes referências na formação sociocultural das crianças contemporâneas na medida em que participam de suas aprendizagens. São eles os principais produtos culturais destinados ao público infantil e, de acordo com Brougère (2008), tornam-se referências em comum entre as crianças de diferentes contextos de vida. Suas narrativas possuem elementos que atraem e nutrem a imaginação das crianças, por isso, não é de se estranhar que elas queiram viver as “incríveis” aventuras de seus personagens favoritos quando brincam.

A comunidade escolar já não é mais vista como o único espaço de construção e reconstrução de conhecimentos. Na sociedade contemporânea, ela divide espaço com outras referências. Essa descentralização aponta a necessidade de se reconhecer a presença das referências midiáticas também no contexto formal de educação, uma vez que estas participam da formação sociocultural das crianças e adultos que nele convivem cotidianamente.

Partilhamos deste reconhecimento e nos colocamos em busca do preenchimento de uma lacuna: como a prática pedagógica dos/as professores/as está, ou não, lidando com o universo dos desenhos animados inserido pelas crianças no contexto da Educação Infantil? Esta é a questão que norteia nossa pesquisa, cuja intenção é

ampliar o entendimento quanto à presença dos desenhos animados na Educação Infantil com vistas a dar subsídios à comunidade escolar para uma reflexão sobre as especificidades dos sujeitos-criança que vivem nesta contemporaneidade permeada pelas mídias e o conseqüente planejamento de práticas pedagógicas que deem conta das novas demandas educativas, incluindo-se aí a preocupação com os estilos de aprendizagem das crianças.

2. Metodologia

A realidade midiática vivida pelas crianças na contemporaneidade evidencia a necessidade de uma maior compreensão sobre relação das crianças com essas referências, que em termos de público infantil, tem nos desenhos animados os seus principais produtos.

A premissa que nos acompanha nesta discussão é a de que os desenhos animados são os principais produtos culturais destinados ao público infantil e, portanto, se configuram como referências importantes na constituição sociocultural das crianças, participando de suas aprendizagens e sendo inseridos (pelas crianças ou professores) também no contexto formal da Educação Infantil. Assim, nos propusemos a conhecer e refletir sobre como a prática pedagógica dos professores está ou não, lidando com o universo dos desenhos animados inserido pelas crianças no contexto da Educação Infantil.

As reflexões aqui apresentadas são frutos da análise parcial de dados coletados em uma pesquisa em andamento. Nossa questão norteadora foi orientada pelos seguintes objetivos: a análise da prática pedagógica na Educação Infantil no que se refere aos desenhos animados; a definição do conceito de práticas pedagógicas educacionais; e a análise da postura das professores frente aos desenhos animados referidos pelas crianças.

Os dados já coletados foram obtidos empiricamente por meio do contato direto com os sujeitos pesquisados: Trata-se de 01 grupo de crianças com idades entre 05 e 06 anos, sua professora e auxiliar de sala, de uma instituição de Educação Infantil localizada na região continental de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina (SC) - Brasil.

A intenção da pesquisa não está na quantificação dos dados, mas no alcance de maiores condições de interpretação dos dados obtidos empiricamente por meio de observações diretas registradas em diário de campo, gravações filmicas e obtenção de imagens fotográficas, envio de questionário aos pais/ responsáveis pelas crianças e realização de entrevista com os/as professores/as e auxiliares de sala. A análise parcial dos dados empíricos leva em conta a sua articulação com o quadro teórico de referência da pesquisa, composto por autores que discutem Educação Infantil, Educação e Desenhos Animados, e aponta a necessidade de pesarmos sobre os estilos de aprendizagem no contexto da educação infantil.

3. Desenho animado e educação infantil

A Educação Infantil é compreendida a partir da perspectiva de Rocha (2003) e Barbosa (2006). Para essas autoras este nível de ensino é entendido por meio das dimensões educativa e social. Rocha (*op. cit*) discute a necessidade de uma

Pedagogia da Infância, isto é, uma pedagogia que compreenda a criança em seu contexto de vida, que perceba a infância que constitui a criança.

Com a Educação Infantil entendida desta forma, partimos da concepção de criança proposto por Perrotti (1990) e Sarmiento e Pinto (1997). Estes autores veem a criança como um sujeito ativo social e culturalmente, isto é, como sujeitos que entendem e interagem com o mundo a seu modo, de acordo com as suas especificidades e com o contexto em que vivem as suas infâncias.

Quanto ao “ambiente sociocultural” vivido pelas crianças na contemporaneidade e as necessárias reflexões sobre as práticas pedagógicas destinadas a elas, apoiamo-nos nos estudos de Soares (2002 e 2011) sobre os princípios que fundamentam o campo da Educomunicação. Soares (2002, p.24) traz a definição da Educomunicação como sendo um:

[...] conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem.

O conceito de ecossistema comunicativo é, para Martín-Barbero (2000, p. 54), caracterizado por dois movimentos: um deles seria a relação com as novas tecnologias que dá origem a uma nova experiência cultural (mais perceptível entre os mais jovens) e, o outro, seria o surgimento de um ambiente educacional de informação e conhecimentos múltiplos (que não se limita mais à escola e ao livro). Para Soares (2011, p.44), a esse conceito de conceito de ecossistema comunicativo se estende o entendimento de um “ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias”. Por isso, nas palavras de Soares (2002, p. 24):

[...] a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação os espaços de expressão.

O contexto educacional contemporâneo impõe uma urgência em se levar em conta a realidade vivida pelas infâncias, uma “comunicação dialógica” que permita que se pense num planejamento de práticas pedagógicas em que estejam articuladas as diversas linguagens, as expectativas das crianças e a intencionalidade pedagógica do/a professor/a. Sartori (2006, p.01) alerta:

A aproximação Comunicação-Educação exige um novo pensar que re-elabore modelos pedagógicos e novas estratégias de intervenção na sociedade que consigam responder aos processos mediáticos e educacionais contemporâneos. Esta exigência se coloca na medida em que tanto o desenvolvimento tecnológico, quanto as mudanças econômicas e sociais, como produtores de novos padrões culturais, têm colocado em

pauta para a escola um re-posicionamento diante do que dela se exige: encaminhamentos intencionais que preparem as pessoas para a inserção crítica na sociedade.

Nesse diálogo quanto aos desenhos animados e a influência da mídia na cultura lúdica contemporânea, entendemos que a brincadeira é uma prática sociocultural que também se configura como um “lugar de mediação” para as crianças, um lugar no qual as crianças constroem e reconstróem seus conhecimentos, um lugar de aprendizagens.

O universo dos desenhos animados faz parte do contexto de vida das crianças que, ao ingressarem nas instituições de educação formal, levam consigo os seus elementos. Uma vez no interior destas instituições, esses elementos de desenhos animados são, muitas vezes, incorporados pelas crianças em suas brincadeiras. Brincando, as crianças interagem com seus pares, atribuem significados às suas vivências, constroem e reconstróem seus conhecimentos e perspectivas sociais e culturais, criam e recriam suas hipóteses, seus entendimentos, enfim, aprendem sobre as coisas do mundo. E cada uma tem seu próprio estilo, maneira de aprender. Com o desenvolvimento das análises, que se dará entre a articulação teórica e os dados empíricos da pesquisa, essas reflexões serão ampliadas e poderão servir de subsídios para que a comunidade escolar perceba a necessidade de se elevar em consideração os estilos de aprendizagem no desenvolvimento de práticas pedagógicas coerentes com a realidade midiática vivida pelas crianças, jovens e adultos contemporâneos .

4. Práticas Pedagógicas Educomunicativas na Educação Infantil: considerações sobre os desenhos animados e os estilos de aprendizagem

Como elementos da mídia, os desenhos animados são entendidos como “dispositivos pedagógicos” (Fischer, 2002) que oferecem elementos de referência para a constituição sociocultural das crianças e que participam de suas aprendizagens. Por isso, a escola precisa dialogar com a criança respeitando seus estilos de aprendizagem.

Os estilos de aprendizagem se configuram como elemento importante nos espaços da mediação escolar, pois “referem-se a preferências e tendências altamente individualizadas de uma pessoa, que influencia na maneira de uma pessoas aprender um conteúdo” (MELLARÉ, 2012). Assim, os estilos de aprendizagem nos informam sobre as maneiras como as crianças aprendem, notadamente ao criarem e recriarem as narrativas dos desenhos animados de acordo com suas vontades e interesses e, assim, constroem e reconstróem seus conhecimentos, valores, entendimento de mundo, enfim, suas culturas próprias. Reconhecer os estilos de aprendizagem das crianças oportunizam uma aproximação da escola à cultura infantil, estabelecendo critérios para uma prática pedagógica educomunicativa.

E é aí que residem as nossas inquietações: De que maneira a prática pedagógica dos/as professores/as está ou não considerando o universo dos desenhos animados inserido pelas crianças no contexto da Educação Infantil? Como desenvolver uma prática pedagógica que respeite os estilos de aprendizagem das

crianças revelados na presença dos desenhos animados em suas brincadeiras infantis?

Os princípios que fundamentam a Educomunicação e a necessidade do desenvolvimento de práticas pedagógicas mediadoras e compatíveis com as demandas dos sujeitos contemporâneos, nos fez desenvolver o conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa e a sua relação com os estilos de aprendizagem se configura como um caminho para a mediação, pois considera as especificidades da contemporaneidade e amplia as possibilidades comunicativas entre todos os sujeitos que participam do processo educativo. Para Sartori e Souza (2012, p.13) as Práticas Pedagógicas Educomunicativas:

[...] estão preocupadas com a ampliação dos ecossistemas comunicativos, isto é, mais do que se preocuparem com a utilização dos recursos tecnológicos no “quê fazer” pedagógico estas se preocupam com a ampliação dos índices comunicativos estabelecidos entre os sujeitos que participam do processo educativo: comunidade escolar, crianças, família, sociedade.

Desta forma, as práticas pedagógicas educomunicativas favorecem uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos em relação às referências midiáticas a que tem acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo.

Nesse sentido, com o desenvolvimento do conceito de Práticas Pedagógicas Educomunicativas se pretende ampliar a compreensão sobre a relação entre os estilos de aprendizagem e a presença dos desenhos animados no contexto da Educação Infantil, dando maiores condições para que a comunidade escolar, especialmente os/as professores/as e auxiliares de sala reflitam sobre as especificidades dos sujeitos-criança contemporâneos e se sensibilizem em relação às novas demandas para suas práticas e, portanto, aos novos desafios que se impõem.

Considerações finais

Nossa contemporaneidade está marcada por práticas sociais que refletem profunda influência dos avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais: assistir e acompanhar a programação da TV, acessar a Internet, encontrar os amigos pelas redes sociais, salas de bate-papo e jogos *online* etc., são apenas alguns dos exemplos dessas práticas, muito comuns a pessoas das mais variadas faixas-etárias, desde os chamados ‘nativos digitais’ aos que procuram se aventurar e a fazer também parte desse mundo.

Toda a imensidão de possibilidades oriunda dos tais avanços tem desafiado diariamente a educação escolar a lidar com necessidades e expectativas que fazem parte da vida dos alunos, mas que muitas vezes, acabam sendo negadas e/ou trabalhadas superficialmente pelo contexto da educação formal. Contudo, o fato inegável é que desde a mais tenra infância, as pessoas são também desafiadas a lidar com todos os dispositivos tecnológicos e comunicacionais a que tem acesso em seu cotidiano e, a escola, como espaço privilegiado de construção e reconstrução de conhecimentos, de encontro e de socialização, precisa se colocar numa posição mais receptiva e procurar acompanhar o ritmo dos avanços e as tantas novas

necessidades e expectativas dos sujeitos sobre os quais se responsabiliza e realiza seu trabalho. Conforme Sartori (2010, p.46):

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás.

Uma vez que reconhecemos que os sujeitos contemporâneos - em profunda relação com a linguagem audiovisual - possuem novas sensibilidades, consideramos que o desenvolvimento de Práticas Pedagógicas Educomunicativas que se preocupem com a forma como as crianças aprendem, com o estilo de aprendizagem próprio de cada criança, pode se configurar como uma contribuição para a ampliação dos ecossistemas comunicativos entre os sujeitos participantes do processo educativo.

A cultura infantil contemporânea tem nos desenhos animados um de seus principais fornecedores de “conteúdos”. Quando trazidos para os contextos de brincadeira, os elementos de desenhos animados passam por processos de ressignificação entre as crianças e, portanto, participam das suas aprendizagens. Eis uma possibilidade para se pensar em Práticas Pedagógicas Educomunicativas para a Educação Infantil, eis um caminho para se enfrentar os desafios da educação na contemporaneidade.

Referências

- Barbosa, M.C. S. (2006) Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed.
- Barros, D. M. V. (2012). A Teoria dos Estilos de Aprendizagem (referencial espanhol). In Anais do I SIED:EnPED 2012 - Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. São Carlos, Brasil.
- Benjamin, W. (1992) “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, em: _____. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água.
- Brougère, G. (2008) Brinquedo e cultura. 7ª ed. São Paulo: Cortez.
- Fischer, R.M. B. (2002) O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da USP. Universidade de São Paulo. São Paulo, ano/v. 28, p. 151-162.
- Martín-Barbero, J. (2000) Desafios culturais da comunicação à educação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 18. Disponível em <<http://revistas.universciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>> Consultado: 04/ 2012.
- Perrotti, E. (1990) “A criança e a produção cultural (apontamentos sobre o lugar da criança na cultura)”, em: Zilberman, R. (Org.). A produção cultural para a criança. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Pinto, M.; Sarmiento, M. J. (1997) “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”, em: _____. As crianças: contextos e identidades. Minho: Centro de Estudos da Criança.
- Rocha, E. A. C. (2003) “A função social das instituições de educação infantil”, em: Revista Zero-a-Seis, nº 07. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/799/9390>> Consultado: 04/ 2012.
- Sartori, A. S.; Souza, K. R. (2012) Fotografia de crianças e seus personagens midiáticos: contribuições para pensarmos as práticas educomunicativas no contexto educacional contemporâneo. En: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Fortaleza/CE. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2478-1.pdf>> Consultado 09/2012.

Sartori, A. S.; Souza, K. R.; Kamers, N.J. (2011) Desenho Animado, Tv e YouTube: Reflexões Sobre Educomunicação e Linguagens. En: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, Recife/PE. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0788-1.pdf>> Consultado 07/2012.

Sartori, A. S. (2010) Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 7, nº 19, p. 33-48. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/284/197>> Consultado 07/2012.

Sartori, A. S. (2006) Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação a distância. En: UNl revista. Vol. 1, nº3.

Silva, S. T. A. (2004) “Desenho animado e educação”, en: Citelli, A. (Org.). Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4ª ed. São Paulo: Cortez.

Soares, I. O. (2011) Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas.

Soares, I. O. (2002) Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação. Revista Comunicação & Educação, n.23. São Paulo.

Wajskop, G. (1995) “Por que se brinca na pré-escola?”, en: _____. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez.

Recibido: 10 de setiembre de 2012

Aceptado: 2 de octubre de 2012